

É amanhã: São Paulo recebe exposição de obras de arte feitas com cinzas de queimadas da Amazônia

Abertura incluirá a pré-estreia do documentário “Cinzas da Floresta”

Apenas nos primeiros 27 primeiros dias de setembro, o Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE) detectou um crescimento de 150% nos focos de incêndio na Amazônia, que saltaram de 15.624 em 2021 para 39.128 este ano. Entre janeiro e setembro, já foram 85.150 focos de queimadas no bioma - um aumento de 55% em comparação com o mesmo período do ano passado. Essa destruição da Amazônia pelo fogo é tema de uma inovadora exposição de arte que será aberta em São Paulo nesta sexta (30/09). Ela reunirá mais de 200 obras inéditas de 152 artistas de 11 estados brasileiros – todas feitas com cinzas de queimadas de quatro grandes biomas brasileiros: Amazônia, Mata Atlântica, Cerrado e Pantanal.

A abertura, a partir de 18h na galeria Pimp My Carroça, em São Paulo, contará também com a pré-estreia do documentário “Cinzas da Floresta”, dirigido por André D'elia, que acompanhou e registrou a expedição em 2021. Com 75 minutos de duração, o filme mostra a importância das brigadas voluntárias de combate a incêndios florestais, e será exibido em sessão única, após a qual os participantes da expedição e convidados participarão de um bate-papo. Todas as obras estarão à venda por preços acessíveis e os recursos arrecadados serão revertidos para a Rede Nacional de Brigadas Voluntárias, contribuindo com a estruturação da RNBV e apoio aos brigadistas.

“Esta exposição é uma denúncia com a floresta em pó e um grito pela floresta em pé!”, sintetiza Mundano, que coletou as cinzas durante uma expedição de mais de 10 mil km realizada no ano passado. O objetivo era produzir uma empena artística de mais de 1.000m² em homenagem aos brigadistas voluntários - homens e mulheres que combatem os incêndios que destroem as florestas brasileiras ano após ano em um ritmo devastador. Intitulada “O Brigadista da Floresta”, ela é uma releitura da obra “O Lavrador de café”, de Cândido Portinari, que pode ser vista no centro de São Paulo. Como os recentes dados de satélite mostram, seu tema continua extremamente atual: em agosto foram 1.699.993 hectares queimados na Amazônia, 1.190.352 hectares no Cerrado, 47.401 hectares na Mata Atlântica e 19.867 hectares no Pantanal, segundo dados do MapBiomias.

A exposição “Cinzas da Floresta” é um desdobramento dessa ação. Com o excedente das cinzas coletadas, surgiu a ideia de distribuir para artistas de todo o Brasil um kit contendo as cinzas, para que novas artes fossem criadas. “Para mim, participar do projeto Cinzas da Floresta foi muito especial pois convivo de perto com a realidade das queimadas aqui na Chapada Diamantina, logo, a ideia de utilizar as cinzas como matéria prima para produzir arte é muito representativo e importante”, explicou Alaido, de Iatu - Andaraí, na Bahia.

Alguns dos artistas relataram a sensação de produzir arte com cinzas de seres vivos, como animais e plantas: “Eu senti muita tristeza ao usar as cinzas, imaginar que são vidas carbonizadas pela ação humana. Pensei muito nas pessoas que vivem, dependem e protegem as florestas. Pensei em como nosso modo de vida está em desequilíbrio com a natureza”, contou AFolego, artista da capital paulista. Gil Leros, de São Luís (MA), descreve sentimentos semelhantes: “O impacto de estar pintando com a ideia de que ali existe um pouco de uma floresta destruída, de alguma forma nos conecta emocionalmente com a tragédia que vem acontecendo há anos em nosso país. Talvez esse seja o material mais significativo que vou utilizar na composição de desenhos.”

Wagner Borges (Wang), diretor do Menos1lixo, residente no Rio de Janeiro, experimentou uma sensação diferente: “Incrível a oportunidade de me (re)conectar com a expressão artística, especialmente para fazer dela um manifesto artista de comunicação. Uma chance de ressignificar o olhar para a tragédia que vivemos como humanidade, mostrando através da arte que ainda há esperança. Que somos capazes de coletivamente gerar e preservar a vida. Muito simbólico pra mim, especialmente por estar vivendo uma segunda paternidade, depois de 10 anos.” (Wang/Jd. Botânico - RJ)

André D'Elia, diretor do documentário "Cinzas da Floresta", explica que ele é "um filme abertamente ativista que também funciona como ferramenta de mobilização social e informação, pois conta com depoimentos de cientistas especialistas nos riscos e impactos do fogo ao meio ambiente e à sociedade. O objetivo sempre foi chamar atenção para o problema do fogo, sobretudo na Amazônia, que é um bioma que não queima naturalmente, somente pela ação do homem", detalha. "A gente descobriu que o poder público não atua no combate a esses crimes ambientais porque não quer. Pois existem tecnologias e ferramentas disponíveis para se fazer valer o cumprimento da legislação ambiental", ressalta.

Após a abertura na galeria Pimp My Carroça, a exposição será montada na Passagem Literária da Consolação, na esquina da Av. Consolação com a Av. Paulista, ao lado do cine Petra Belas Artes, onde ficará em cartaz entre os dias 5 e 30 de outubro,

Serviço: Cinzas da Floresta

Abertura: 30 de setembro de 2022 a partir de 18h

Galeria Pimp My Carroça - R. Gustav Willi Borghoff, 378 - próximo à estação de metrô Barra Funda.

Exposição: de 5 a 30 de outubro de 2022

Passagem literária da Consolação: na esquina da Av. Consolação com a Av. Paulista, ao lado do cine Petra Belas Artes. das 9h às 19h.

Sobre o diretor do filme

André D'Elia é diretor do gênero cinema socioambiental ativista atualmente conhecido como "cinema pedrada". Realizador dos longas-metragens A Lei da Água, Novo Código Florestal (2015), Belo Monte: Anúncio de uma Guerra (2012), Ser Tão Velho Cerrado (2017), O Amigo do Rei (2018) e a aclamada campanha "Demarcação Já!" que reúne 25 dos maiores artistas brasileiros, juntos, em defesa da demarcação dos territórios indígenas.

Contato assessoria de imprensa: silvia.dias@avivcomunicacao.com.br / (11)99191-7456